

Serra e matta do Bussaco — Desenho de Christino — Gravura de Coelho

Depois da serra de Cintra, não ha outra em Portugal mais afamada pela escripta e pela pintura, que a do Bussáco.

Escriptores e artistas, prosadores e poetas, pintores e gravadores, assim nacionaes como estrangeiros, se tem inspirado da magnificencia d'aquella grandiosa paizagem, e reproduzido em paginas brilhantes, em paineis famosos, esta maravilha da nossa terra.

No seculo XVII, uma dama portugueza, D. Bernarda Ferreira de Lacerda, depois de enviuvar compoz, n'aquelle ermo, um livro de suaves poesias em portuguez e castelhano, que intitulou: *Soledades do Bussaco*. Dois seculos depois, um cathedratico da universidade de Coimbra, o sr. dr. Adrião Pereira Forjaz, visitando este frondoso eremiterio, compilou n'um volume as *Memorias do Bussaco*, as antigas, e as que elle proprio recolheu durante esta patriotica viagem.

Com quanto façamos a devida estimação d'estas duas obras, para texto da estampa que os leitores devem, n'este numero, ao mimoso e correcto lapis do sr. Christino, professor de paizagem da academia das bellas artes de Lisboa, preferimos a narração do chronista carmelitano, a cuja ordem pertenceu outr'ora o convento do Bussaco. Tão raras são já hoje as chronicas monasticas, que bom serviço prestâmos á historia e á lingua patria, os que a ellas formos buscar as memorias da nossa grandeza passada.

Os começos do convento do Bussaco remontam apenas ao meado seculo XVII. Singelamente nol-os conta o chronista fr. João do Sacramento. Diz elle, que andando o provincial da ordem dos carmelitas

descalços, em busca de sitio deserto para fundar uma casa eremitica para os seus frades, succedêra ir um d'elles visitar o bispo conde de Coimbra, D. João Manuel, a quem communicára o intento. O prelado, como de subito, respondeu: — « Tenho eu na serra de Luso umas mattas e terras a que chamam Bussaco; se ao padre provincial lhe parecêra mandal-as ver, e lhe forem de seu agrado, dera-as eu de boa vontade á religião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande ver, que póde ser lhe sirvam, e se evitem, com maiores conveniencias, os reboliços da serra de Cintra. » Era n'esta que elles tinham posto a mira, antes de terem noticia do Bussaco.

Foi logo este padre dar, com alvoroço, tão boa nova ao seu provincial, e ambos com outros religiosos, sendo um d'elles architecto, se foram a inspeccionar o sitio.

Diz o chronista, que subindo todos á serra, viram em Bussaco tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, formosura de valles, e eminencia de montes, que, além de summamente pagos do que viram, se admiraram por extremo de que, benigna, a soberana Providencia houvesse reservado para ermo de sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo.

Veiu depois o padre geral, e não menos agradado e admirado do sitio, disse para os companheiros com devota alegria: — « Aqui é vontade de Deus que se funde; murem este sitio, que tem n'elle o melhor deserto da ordem. Porque, se agora inculto, rude e tosco, é o que admirâmos, cultivado será um paraiso terreal. »

Dados os agradecimentos ao bispo conde, tratou este logo de reduzir a doação a publica fórma.

Como, porém, esta propriedade era da mitra, não se podia doar pura e simplesmente; só por subrogação se permittia alienar, nos termos do direito canonico e civil. Foi, portanto, avaliado o Bussaco em 180:000 réis, *por ser infructifero e de pouco rendimento* (diz a licença regia), comprando o bispo outros bens no valor de 187:000 réis, para encorporar nos da mitra em logar do Bussaco. D'este contrato se fez escriptura em 11 de maio de 1628.

Trataram logo os frades de edificar no alto da serra o seu convento, a que se lançou a primeira pedra no dia 7 de agosto do mesmo anno, com a invocação de mosteiro da Santa Cruz.

Antes de darmos idéa d'este singular cenobio, e da vida silenciosa dos seus eremitas, leâmos a descripção topographica da serra e mattas do Bussaco, feita pelo chronista que temos á vista.

« Está Bussaco situado na vistosa, altissima e verde serra que uns chamam de Luso, outros de Carvalho, e alguns do Cantaro, por se não expressar bem com um singelo appellido, e quasi necessitar de nomes dobrados, todo um monte de maravilhas.

Diz-se do Cantaro, pela piedosa instituição de certa matrona, que atravessando em certa occasião a serra, lhe falleceu um criado á sêde; por cujo respeito deixou alli, em perpetua misericordia, um cantaro de agua para refrigerio dos viandantes.

Chama-se do Carvalho, de uma villa d'este nome existente ao pé da mesma serra, que o deu, ou recebeu da nobre familia d'este appellido, de que parece ascendente a instituidora da referida piedade, visto ficar a provisão do Cantaro ao cuidado dos senhores d'esta villa. Intitula-se de Luso, de uma antiquissima cidade do mesmo nome, que dizem fundára alli a meia descida da serra para a banda do poente, olhando ao mar, um rei do proprio appellido. Da sua existencia parece dar ainda testimunho um curto logar a que tambem chamam Luso; que os tempos, se não tragam, reduzem a pequenas as coisas grandes, os povos a ermos, as cortes a aldeias.

Nasce a do Bussaco como legitimo e avultado parto da serra da Estrella; e desenvolvendo-se ligeiramente das mantilhas para crescer em grandezas proprias, levanta o pé bem á vista de Penacova, defronte do canal por onde no placido Mondego entra o caudaloso Alva, tão rico de cabedaes, que desempenha a fama de serem os rios de Portugal minas de oiro. Assim gigante se anima á carreira, que logo nos primeiros passos despreza, soberbamente, subir um a um, contendendo como émulo das serranias mais altas, ser corôa de todas. Ganhando por degraus de tres legoas continuadas, de oriente a poente, assombrosas alturas, se olha no fim ao espelho do Oceano, quasi vaidosa de ser o Mondego pequeno cristal para o especioso de tão avultada estatura. Descorre todo este dilatado comprimento, rompendo para todas as quatro partes da terra em despenhados precipicios, e quebradas maiores de legoa, por entre fragosissimos penhascos, pelas roturas dos quaes se divisam as aguas cortando profundos valles, quasi murmurando de ver a serra humilhar os mais elevados cabeços, com mais presumpção que jurisdicção: pois nem o auctor da natureza a concede aos grandes para atropellarem os pequenos, nem os superiores a devem tomar para ultrajarem os inferiores. Completa de todo a subida, vae a serra parar e descançar no cume que propriamente se diz Bussaco, o qual remata uma cruz, que chamam Alta, em razão da sua eminencia dominar ainda as maiores alturas d'esta serra, e porventura quantas o reino de Portugal conhece.

O pico ou cume do Bussaco é de sorte elevado, que descobre grande parte do reino, e d'elle é descoberto. Descortina para o oriente a serra da Estrella, e a de Castello Rodrigo posta em distancia de trinta legoas; para o sul a do Minho; e não faltou já lince que alcançasse ou o presumisse ver a de Marvão, desviada d'alli quarenta legoas; para o norte a de Grijó, em distancia de quinze; e para todas as partes as cidades, villas, e logares intermedios, sitos no territorio dos sete bispados, Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto, Braga.

Para a parte do poente carece a vista de termos mais que nos limites da propria potencia, porque, sobre as buliçosas ondas do inquieto elemento, se não descança, limita-se. Vêem-se, nos dias claros, sulcar suas aguas varias embarcações para differentes rumos e portos: agradavel objecto aos que de terra o contemplam; e porventura mais, quando furiosas ou crespas ameaçam algum naufragio, pela tyranna condição de crescer o gosto do seguro proprio á vista do perigo alheio.

Estas são as vistas d'esta atalaya do mundo, ou sentinella do ceo, ao longe.

As de perto são taes, que se duvida as possam os olhos encontrar, egualmente dilatadas e deliciosas, na circunferencia do orbe, porque do alto do Bussaco se divisam muitas e aprazíveis serras; dilatados e viçosos montes; fertilissimos e amenos campos, cortados de varios e famosos rios. Avistam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques, e valles retalhados de caudalosas ribeiras, vestidos todos da verde gala, que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o auctor da natureza. D'onde vem a parecer que não ha paiz, quadro ou perspectiva, onde o mais licencioso pincel, sobornado do gosto ou do empenho, se occupasse em bem assombradas delineações, ao valente ou mimoso, que os horisontes do Bussaco não comprehendam ao natural.

De toda esta estendida e formosa planta, colhem as almas devotas, recolhidas em si mesmas, copiosos e importantes fructos de superiores considerações para

se moverem ao amor do Omnipotente, que assim dispoz o terreno para habitação, regalo e commodo de suas creaturas. Nas mesmas penhas da montanha é grandemente de louvar o Creador, porque entre ellas se acham jaspes e marmores tão finos, e de côres tão vivas, que parece brilharem brutos com o lustre de polidos. Pelo menos a serem assumpto da industria, ou materia da arte, serviriam de credito aos edificios, como pedras de singular valor na sua esphera.

Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seus nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores que o auctor da natureza clausurou no recinto do Bussaco? Além das plantas conhecidamente vulgares, se desentranha o terreno na producção de lentiscos, azereiros, azivinhos, adernos, espinheiros, cedros, platanos, cinamomos etc; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho na esterilidade de alguma.

Descorria em certa occasião o sitio o reverendissimo padre fr. Jeronimo de Saldanha, dom abbade geral da ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior actual da casa fr. Paulo do Espirito Santo; e notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos e diversos arvoredos, a censurava de não produzir alli o teixo, arvore de mais gala que serventia, e de qualidades tão nocivas, que dizem ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes. Calava-se o prior á queixosa censura do geral; mas chegando á fonte que chamavam Fria, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie que buscava. Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião de que era singularidade de Alcobaça produzir a tal planta, teve de confessar a Bussaco por um mappa do arvoredo do mundo. Já arruadas á corda, já em mattas cerradas, é tal a multidão de arvores, que havendo tempestade que prostrou mil paus dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetal córte sensivel, apparecendo depois vestido como se não fôra roto da tormenta.

Das hervas cheirosas, como légacão, madresilva, trevo real, betonica, e tantas outras que na penna não cabem, se ornam os estrados, e tecem as alcatifas dos montes e valles, onde, por ostentação da pompa ou vaidade do caduco de suas verduras, se senta a descançar a primavera quasi todo o anno. As medicinaes, pela qualidade da agua, terra e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tratado que da materia compoz, affirma, que havendo peregrinado a maior parte da Europa, encontrára na serra de Bussaco quasi todas as hervas que descreve Laguna sobre Dioscorides, com a excellencia de serem vigorosas sobre as que a herbolaria conhece. O mesmo contesta a pharmacopólea, signaladamente de Phillipodio; e quando não cante a victoria, póde Bussaco jactar-se de competir, inculto, com os celebres parques, ou jardins de Pavia e Veneza, cultivados para o mesmo intento e fim. Das flores, já domesticas, já montesinhas, perpétua caçoila do sitio, iremos semeando algumas pelos logares que descorrermos.

Sustenta-se esta innumeravel familia da grande mãe (como á terra chamavam os antigos), que lhe dá, além de outras aguas, oito fontes perennes. A de Nossa Senhora da Expectação, a do glorioso archanjo S. Miguel, a de nosso patriarcha Elias, a de nossa madre Santa Theresa, a de S. Silvestre, a do Carregal, a Fonte Nova, e ultima, rainha das mais, a que chamam Fria, que temperada de inverno escusa neve de verão.

Foi esta fonte obra do bispo conde D. João de Mello, traçada de fórma que, coberta de uma abobada, estribada em um arco aberto, rebocado de embrexados, tem o nascimento á vista patente, ou por blasonar de puramente claro, ou por ser tão vistoso, que por entre miudos seixos, pretos e brancos, sentados em doiradas areias, não receia de apparecer ao registo e exame dos olhos. Desce do logar da sua origem por um calejão ou parapeito levantado da terra, entre duas largas escadas, portilhões de cantaria, e repuxos abertos nas mesmas pedras; na descida dos quaes, fervendo as aguas em tumidos e prateados cachões, causam de uns em outros tão agradavel como buliçosa quéda, até chegarem a uma taça de onze bicas de bronze, sentada no meio de um formoso taboleiro, rematado tudo em um chuveiro de innumeraveis e quasi imperceptiveis desaguadoiros. Baixa d'aqui, na mesma fórma, a outros tres taboleiros lageados, e chegando ao quarto pára em um chafariz de oito bicas de bronze, do qual se torna a despenhar por canos cobertos; a larga distancia se recolhe n'uma grande pia coroada de uma cruz de pedra, acompanhada de duas pyramides da mesma materia. Encanada novamente por alguns passos, rebenta em um espaçoso tanque, d'onde, fechada como antes, váe terminar no beneficio e cultura de um dilatado pomar, povoado de varias arvores de excellentes especies de frutas. Os lados das escadas e divisas dos taboleiros são ornados de curiosos embrexados pretos, debuxados em campo branco, que na obra fazem agradaveis visos, sem excederem a modestia do logar. »

Até aqui o chronista do seculo passado.

Do estado actual das florestas do Bussaco, não podêmos ter mais auctorisado informador que o nosso respeitavel amigo e collega, redactor do *Archivo Rural*, o dr. R. de Moraes Soares, que, tendo alli ido convalescer no verão de 1859, nos dá d'aquelle famoso bosque estas boas novas, em o n.º 11 do seu jornal, judicioso guia, e eloquente pregoeiro dos progressos da agricultura nacional.

« Residimos toda a temporada na matta do Bussaco, que é a dama dos nossos pensamentos. Por encarecimento de seus dons lhe chamam Cintra do norte, mas parece-me que desfazem no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que haverá que ver, além do que alli tem feito um principe de alto entendimento, e ardente dedicação pelas coisas de Portugal? No Bussaco não sobresáe, é verdade, a obra dos homens, mas ha muito que admirar na obra de Deus, que alli revela a sua omnipotencia na vegetação.

E não se attribua a mania esteril a nossa affeição pelo Bussaco. A belleza e amenidade d'este antigo e santo retiro inspira uma doce e mysteriosa melancolia a quem o contempla; mas não é só por este lado que nos arrebata o pensamento; considerações menos poeticas e mais positivas é que nos prendem áquella deliciosa floresta.

Na matta do Bussaco vegeta a larangeira e o vidoeiro. Está claro que entre os extremos de uma escala formada por estas duas plantas podem florescer milhares d'ellas; e por isso acreditâmos que alli se podem fazer extensos ensaios de aclimação de arvores florestaes exoticas, com acrescentamento da natural belleza da cêrca, e por conveniencia dos interesses economicos do páiz.

E acreditâmol-o, não só fundados em razões de analogia, mas já em provas directas e factos concludentes. Váe para quatro annos que o governo encorporou na administração geral das mattas do reino a do Bussaco. Então havia perto de vinte especies florestaes indigenas, e hoje muitas exoticas, já alli radicadas, promettem esperançosos resultados. Varias especies de carvalho e freixos do Mexico, diversos exemplares do genero *acer*, betulas, fayas, nogueiras pretas, tilias, catalpas, pawlonias, choupos, e mui-

tas outras especies indigenas, completam uma consideravel collecção de plantas folhosas, novamente introduzidas no Bussaco. Dois exemplares da *casuarina equisetifolia*, que apenas tem dois annos, apresentam um vigor de vegetação admiravel. As coniferas exoticas estão tambem alli representadas por curiosos individuos das tribus das cupressineas, das abietineas, das taxineas e das podacarpeas. Os juniperos bermudianos, os da Virginia, e outros medram no Bussaco a olhos vistos, assim como os cedros *deodara*, os do Libano e atlanticos.

Encanta ver o desenvolvimento rapido de uma araucaria cunninghamia; as brasilienses, de que ha para cima de vinte exemplares, estão muito viçosas. Das taxineas temos lá varias especies; o *taxodium semper virens* avantaja-se a todas. Encontram o terreno caroavel cinco especies de abetos; do *pectinata* e do *picea* ha para mais de quarenta exemplares. Os pinheiros elevam-se com ufania; o *sylvestris, canaviensis, nigra, laricio, insignis*, desenvolvem-se admiravelmente. Dos pinheiros novos do Mexico possue o Bussaco uma collecção de vinte especies; foram alli semeados ha pouco mais de um anno, e estão bem dispostos. Do *pinus pinsapo* ha um exemplar lindissimo de tres annos, e para mais de cem ainda novinhos. De outras arvores menos notaveis tem-se feito uma soffrivel collecção.

Quando a matta do Bussaco era respeitada como logar de penitencia, devoção e santidade, ainda os seus arvoredos se não julgavam bem guardados pela constante vigilancia de seus venerandos habitadores, tanto que, em 1643, Urbano VIII fulminou uma excommunhão a quem destruisse qualquer arvore dentro d'aquelle sagrado asylo. N'aquella epocha, o successor de S. Pedro fechava as portas do ceo aos que attentavam contra as arvores do Bussaco; fulminar-se-hão hoje com desconsiderações os que promovem a sua conservação e accrescentamento?»

A nossa estampa representa a entrada da matta pela porta chamada de Coimbra, desenhando a lameda que váe dar á capella do Calvario.

A respeito d'esta e das outras capellas que ainda se conservam no Bussaco, fallaremos na occasião de dar mais alguma vista de tão famosa paisagem.

RESURREIÇÃO DE CHRISTO

Diz o evangelho de S. Marcos — que no domingo, muito de madrugada, foram as tres Marias ao sepulchro com aromas, sendo já o sol saído.

Pois se era o sol saído, como era muito de madrugada?

Se a Magdalena e as outras donas da sua companhia fossem como as senhoras da nossa corte, que atroando as ruas com o rodar das carroças, desempedrando as calçadas, e acordando a visinhança, se recolhessem a casa á meia noite, não é muito que ao outro dia, quando o sol anda já pelos valles, e os maridos menos diligentes estão despachando nos tribunaes, seja ainda para as horas do seu descanço muito de madrugada. Os outros evangelistas ainda apertam mais o texto, porque dizem expressamente que ainda duravam as trevas e escuridade da noite.

Pois se a noite estava ainda em seu ser, e o escuro tão cerrado, que não só merecia nome de sombra senão de trevas, como era já nascido o sol? Aqui jogou do vocabulo o evangelista, e usou de equivoco.

O sol a que alludiu não era o que ainda não tinha apparecido no Oriente, mas o que já tinha resuscitado do sepulchro. Como se dissera: Vieram as Marias ao sepulchro, tão de madrugada que ainda perseveravam ou prevaleciam as trevas, se bem o sol já era nascido, porque Christo já era resuscitado.

Quem mais ama mais madruga. O amor nasce nos olhos, e quem o pintou com os olhos tapados devia de ser cego. Esse amor, quando muito, será o pintado; o amor vivo e verdadeiro sempre está com os olhos abertos, porque sempre olha. Quem tirou o véo ao amor, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou desvelado. Não me estranheis o equivoco, que em manhã tão alegre e tão festiva, até os evangelistas o usaram. Torno a dizer, que é grande madrugador o amor, porque quem tem cuidados não dorme.

Como o maior despertador dos sentidos e dos cuidados é o amor, cujas azas e as do desejo voam mais que as do tempo, d'aqui vem que para quem espera pela manhã, as estrellas são vagarosas, os gallos mudos, as horas eternas, a noite não acaba de acabar, e por isso, como dizia, quem mais ama mais madruga.

Madrugaram hoje as Marias a ungir na sepultura o sagrado corpo; e qual madrugou mais? Para mim é consequencia certa que a Magdalena madrugou mais que todas. E d'onde tiraremos a prova? Porventura porque os evangelistas nomeiam a Magdalena em primeiro logar, e S. João só a ella? Seja embora conjectura provavel. Porventura porque tornando-se as outras Marias quando não acharam no sepulchro o corpo que iam ungir, só a Magdalena, sem se apartar d'aquelle sagrado logar, perseverou n'elle? Muito melhor argumento, porque quem só perseverou depois de todos, é signal que antes se desvelou mais que todos. Mas a prova para mim mais evidente é ser a Magdalena a primeira a quem o Senhor appareceu.

«Jesus, tendo resuscitado no domingo de manhã, appareceu primeiramente a Maria Magdalena; e foi ella noticial-o aos que haviam andado com o Senhor, e que estavam afflictos e chorosos. S. Lucas. c. 14. v. 9.»

PADRE ANTONIO VIEIRA.

CAÇA DO URSO POLAR

O urso é um animal fêissimo, pelo que serve de comparação quando queremos figurar que alguem é horrendo, silvestre e pelludo.

Como este quadrupede é facil de ensinar, os domadores de feras costumam industrial-o em varias habilidades, de que fazem espectaculo nas cidades populosas. A Lisboa tem vindo já alguns ursos engenhosos, e, se bem nos lembra, o ultimo que esteve em Portugal deu cabo do seu algoz, n'um dia em que não esteve para soffrer as bordoadas que lhe dava.

Ha duas especies de ursos, que são, o urso terrestre e o urso marinho. A este chamam urso branco polar, ou urso do mar glacial. Dos ursos terrestres tambem se faz distincção entre os negros e os fuscos, os quaes, não tendo as mesmas inclinações, parece que não devem ser considerados como variedades da mesma especie, quaes os julgou Linneo. Além d'isto, ha tambem ursos terrestres que são naturalmente brancos, sem que o rigor do clima os faça embranquecer no inverno, como succede aos arminhos e ás lebres. E com quanto estes se pareçam na côr com o urso marinho, differem tanto d'elle em tudo mais, como os outros ursos terrestres.

Ha ursos brancos na Islandia, Tartaria, Moscovia, Lithuania, e n'outros paizes do norte da Russia.

O urso fusco encontra-se tanto nos climas frios como nos temperados, nos Pyreneus, nos Alpes, e n'outras serranias da Europa e Asia, como tambem

na Grecia, Palestina, Egypto, Barberia, e ainda na Persia, India, China, ilhas do Japão e Ceilão. A côr fusca, que tem geralmente, varía ás vezes para vermelha, ruiva e fouveira. O urso preto só habita nos climas frios, e nas florestas septentrionaes da Europa e da America. O fusco é feroz e carnivoro; o preto é sómente feroz, mas recusa constantemente comer carne; sustenta-se de frutas, grãos, raizes, etc. É muito guloso de mel e leite, a tal ponto, que quando se está cevando n'estes manjares, é mais facil deixar-se matar, que largar a preza.

O urso não é sómente silvestre, mas tambem solitario; por instincto foge de toda a sociedade, e desvia-se dos sitios a que os homens podem chegar; nem se julga á sua vontade senão nas paragens que recordam a natureza primitiva. Uma caverna antiga entre rochedos inaccessiveis, uma gruta formada pelo tempo no tronco de uma arvore caduca, no meio de uma espessa floresta, lhes servem de domicilio. Quando não encontra arvore nem rocha que lhe convenha, sabe mui bem construir habitação com ramos de arvores, hervas e lodo; ahi fica ao abrigo da chuva e dos mais incommodos atmosphericos. O macho e a femea tem covas differentes; e o que mais admira é que o urso passa uma parte do inverno sósinho e sem sustento na sua habitação; mas nem



Caça do urso polar

por isso fica entorpecido nem privado de sentimento, como succede a outros animaes durante a hibernação. Isto póde-se explicar pela abundancia de gordura que o urso adquire no fim do outono, tempo em que entra no seu encerro, a qual lhe permitte supportar uma abstinencia de trinta a quarenta dias. Outros naturalistas dizem que o urso de inverno dorme quinze dias a fio.

Já dissemos que o urso não habita juntamente com a femea, e esta nunca o deixa entrar na cova quando tem filhos, porque elle é tão voraz e carniceiro, que os devoraria como se fossem de especie diversa. Esta voracidade, porém, é só commum aos ursos fuscos. A ursa, quando sente proxima a hora do parto, prepara cama para os filhos no fundo da sua caverna, com hervas e musgo. Nunca pare mais de quatro, que seguem a mãe até aos dois annos.

Os ursos, posto que pareçam informes e estupidos, nem por isso tem os sentidos menos delicados, principalmente o do olfato, que é mais fino que o de nenhum outro animal. É, porém, feio bicho, porque tem os olhos pequenissimos, similhantes aos do porco; as orelhas muito curtas; todo o corpo pelludo; as pernas e os braços carnudos, como os do homem; tem cinco articulações nos pés posteriores, ficando-lhe o dedo pollegar da parte de fóra d'esta especie de mão, ao contrario do homem, que o tem da parte de dentro; os dedos são grossos, curtos, e cerrados uns contra os outros; nas mãos como nos pés unhas negras e durissimas.

O urso dá punhadas como nós; mas esta similhança com o homem ainda o torna mais disforme, sem lhe dar superioridade alguma sobre os outros animaes. É mui apto para o ensino, e facilmente

aprende a dançar, a gesticular, a pegar n'um pau, etc.; mas tudo isto faz sem graça, e materialmente. Por mais manso que pareça, é mister desconfiar sempre d'elle, porque facilmente volta á sua natural ferocidade, e tem caprichos perigosissimos; sobre tudo é necessario não o maltratar na ponta do nariz, onde é sensibilissimo, porque então o seu furor é extremo.

A voz do urso é um ronco ou grande sussurro, quasi sempre misturado de estridente rangido dos dentes, principalmente quando o irritam.

A caça d'esta fera, sem ser mui perigosa, torna-se utilissima quando se faz com fortuna; porque de todas as pelles grosseiras, a do urso tem maior preço. A carne não é das melhores, mas a do urso novo é delicadissima; os pés, salgados e postos ao fumeiro, é manjar delicado nas melhores mesas, principalmente da Allemanha.

Porém, a maior vantagem que se tira do urso é o oleo e o unto, que são tão bons como o da azeitona e banha de porco, servindo para os mesmos usos. A quantidade que se lhe extráe é consideravel. Na Luisianna e Canadá, pelo outono, são os ursos por tal fórma gordos, que apenas podem andar. Esta gordura acha-se até dez dedos de altura nas ilhargas e coxas do animal. Para se lhe extrahir, deita-se juntamente com a carne n'uma caldeira; quando ferve separa-se a gordura, a qual purificam lançando na caldeira, quando está bem quente, sal em quantidade e agua por aspersão, o que faz levantar um fumo que leva comsigo o mau cheiro que tem a gordura. Passado o fumo, vasa-se n'uma talha, e deixa-se repousar oito ou dez dias; no fim d'este tempo está ao de cima um oleo mui claro, e tão bom como o da azeitona, o qual se tira com uma colher, ficando por baixo uma banha alvissima, porém mais molle que a do porco, que serve para os usos da cozinha. Ha ursos que dão mais de cem boiões d'esta banha. Os cabelleireiros servem-se d'ella para os penteados.

É esta quantidade de gordura que faz com que os ursos nadem despejadamente, atravessando os rios e lagos sem muita fadiga.

O urso vive de vinte e cinco a trinta annos.

A estampa que acompanha esta noticia foi tirada da viagem do grande caçador Palliser ás montanhas roqueiras da America do norte.

Indo seu caminho, encontrou um urso, apeou-se do cavallo, e metteu uma bala no corpo da fera que se tinha empinado para lhe caír em cima.

O CÃO DO REI MELAI

CONTO ALLEMÃO DE MEISSNER (TRADUZIDO DO ORIGINAL POR HENRIQUE VAN-DEITERS)

(Conclusão. Vid. pag. 10)

Parecerá incrivel que, só e fugitivo, podesse atravessar um paiz sublevado, sem ser conhecido. É que eu tomára um vestido e um turbante da mais humilde apparencia; o cavallo que montava era bom e vigoroso, mas não de preço; finalmente, protegia-me o poder d'aquelle que, quando lhe apraz salvar-nos, parece que cega os nossos inimigos e lhes quebranta as forças.

Meu designio era entrar na Persia, e já me achava a vinte milhas da fronteira, quando uma noite, fatigado da jornada, pedi e obtive hospitalidade n'um tugurio de camponezes. Sentei-me á mesa e comi. A este tempo entrou na cabana um soldado que voltava da campanha... assim como eu. Era, pelo que percebi, filho da casa. Terminados os primeiros effluvios do amor paternal, e da mais cordial recepção, trataram todos á porfia de o enredar n'um labyrintho de perguntas, umas que diziam respeito á sua pessoa, e outras á phase que tomavam os negocios da guerra. Perguntaram-lhe qual fôra o partido que elle escolhêra, por quem havia pelejado, e o que era feito do desgraçado rei. Era este soldado dos que durante a acção se passaram para os arraiaes de Ebn-Machmud. Respondeu elogiando o vencedor, e avaliou a minha cabeça n'uma provincia. Assentado de fórma que lhe era impossivel ver-me o rosto, escutava-o eu com toda a attenção, quando elle, fazendo reparo na minha pessoa, começou a mirar-me dos pés até á cabeça. O acaso lhe forneceu ensejo de me entrever o semblante atravez as dobras do capuz que se desconcertára, e isto deu logar a elle trocar algumas phrases de mansinho com o pae. Pouco pude colher do secreto dialogo; porém ouvi distinctamente a palavra *suspeito*, o que foi bastante para me pôr em desasocego. O moço guerreiro afastou-se immediatamente, e eu, mostrando grande vontade de dormir, tomei um pretexto para sair antes de me deitar. Saltei lestes no meu cavallo, que achei preso a um pilar do jardim, e desappareci com a velocidade do raio que golpêa as nuvens.

Teria andado apenas uns cem passos, quando ouvi que me chamavam em altas vozes; e depois de um quarto de hora de marcha pude ver, á claridade da lua, uns como pontos negros e moventes, desenhando-se nos sitios esclarecidos pelo astro.

Não duvidei que era perseguido, e cravando os acicates nos ilhaes do pobre corcel, n'um instante me puz fóra do alcance de meus perseguidores, perdendo-os de vista. Assim corri toda a noite, evitando sempre os caminhos trilhados; tanto os evitei, porém, que ao romper do dia me encontrei n'uma planicie deserta, e toda coberta de areias. Condoi-me do estado do meu cavallo; porém muito mais de mim, que tinha a morte certa se caísse nas mãos dos que me perseguiam. Continuei pois a instigal-o, mas em vez de dobrar a velocidade da carreira, principiou a affrouxar o passo, e pela volta do meio dia, o pobre animal, succumbindo ao cançaço, caíu sobre a areia abrazada do deserto, para não mais se erguer. Tambem tu me deixas! murmurei eu, desapertando-lhe as silhas e desenfreando-o; tambem tu me deixas, por fim! — Pobre corcel! ao menos não te minguou o zelo antes de te escassearem as forças! Oh! se os desalmados que me rodeavam fizessem ao menos metade do que tu fizeste! E não pude suster as lagrimas que me rebentaram em fio ao separar-me d'elle. Dera de boa vontade um dos meus braços para o soccorrer; mas já não eram para mim soccorros nem consolações!

Continuei a fuga a pé. Forçou-me a necessidade a entrar na primeira povoação que avistei ao cabo de poucas horas. Alli me dei por um belforinheiro colhido pelos salteadores, fiz acquisição de alguns viveres, e informei-me do caminho para a Persia. Responderam-me que havia dois. O primeiro ia dar, depois de alguns atalhos, a uma grande estrada; o segundo, mais curto, porém mais solitario e perigoso, era facil, a quem não estivesse avezado a trilhal-o, desviar-se, e perder-se no deserto, do qual eu atravessára parte. Escolhi este ultimo, e effectivamente ao cabo do terceiro dia achei-me no labyrintho de que me haviam prevenido.

Se a sorte de um homem perdido no deserto, sem guia, sem viveres, e sem conhecimento do paiz, é já de si terrivel, põe na ideia quanto mais o não deve ser para um principe que abriu os olhos ao brilho da opulencia, e que no decurso da sua vida nunca sonhára na miseria, nem sequer na necessidade! Ar-

rastei-me ainda um dia e uma noite por aquellas solidões pavorosas, lacerado de fadiga e de dor: achava-me no limite das minhas forças, porém não do deserto.

O sol mergulhava nos vortices do poente. Embalde esperei que descesse o crepusculo; a atmosphera em que eu respirava era tão arida como o terreno que trilhava: nem uma unica gotta de orvalho me caiu sobre os membros resequidos! Todos os pavores da temerosa solidão que se alongava ante meus olhos, começaram de me assaltar o espirito com o acercar da noite. Nem o menor pio d'ave! nem sequer o zumbir de um insecto! O unico ente vivo que me acompanhava era o meu cão! Ao longe montanhas de areias ardentes, perdendo os cumes no ceo avermelhado, que servia de abobada áquelle ermo tão povoado de horrores, e nada mais!

Assombrado e cheio de pavor arremessei-me a um monticulo de areia, murmurando: — é aqui que me quero deitar! Deitar-me, e dormir um somno eterno! O meu cão voltou-se para mim e latiu tristemente. O pobre animal não tinha comido nada durante o dia. O ultimo pedaço de pão que tinha, repartira-o na vespera com elle. Inclinei a fronte, chorando, sobre o dorso do meu fiel companheiro, e acariciei-o dizendo: ai! se uma unica migalha de pão me restára, com que prazer do coração a repartiria comtigo! Olhou-me o animal attentamente, como se percebêra a origem do meu pranto, e erguendo-se de um pulo, deitou a correr como um gamo.

Talvez me não acredites; mas entre todas as desillsões que até então experimentára, foi esta para mim a mais cruel, a unica, a bem dizer, que me anniquilou totalmente. Tambem este, por fim!—exclamei. O que então senti foi superior ás minhas forças: caí sem accôrdo e sem falla. Não te posso dizer precisamente o tempo que permaneci n'aquelle lethargo; foi por força algumas horas, porque o dia principiava a repontar quando senti puxarem-me pelo fato, e despertei ao motim de agudos latidos. A custo abri os olhos, e vi o meu fiel amigo! Trazia as fauces ensanguentadas, e por via de uma mimica de saltos e meneios, me apontava para o chão, aonde jazia estendido um animal de especie para mim desconhecida, que similhava muito ao coelho. Quando me viu perfeitamente acordado, redobrou as caricias e latidos, tomou depois a caça nos dentes, e arremeçou-m'a aos joelhos. Impossivel me é exprimir por palavras o que então se passou em minha alma; fica-me porém a consolação de que fallo a um homem cujos olhos me inteiram de que possue um coração sensivel.

Não era uma refeição de rei; porém nenhuma das que eu saboreára no seio do fausto e poderio, tão grata me foi ao paladar, nem tão esplendida me pareceu, como aquelles pedaços crus e nauseantes que o meu cão me offerecêra.

Prosegui na minha viagem. Ao meio dia vi-me n'um caminho trilhado, á noite em terras da Persia, e no dia seguinte entrei n'uma pequena cidade.

Sufficiente era o dinheiro que então levava para me alimentar por alguns dias: gasalhado obtive-o de um bom velho que espontaneamente m'o offereceu. Logo que pude retirei-me a um canto da casa que menos exposto me pareceu ás vistas importunas, e com grande pezar do meu coração arranquei a primeira pedra do annel de meu pae. Com o dinheiro que por ella recebi me transportei a Isaphão. Viajava eu na companhia, ou, para melhor dizer, sob a salva guarda de uma caravana, e em todo o caminho proferi apenas meia duzia de palavras, respondi a todas as perguntas por monosyllabos, e mantive sempre o mais escrupuloso cuidado em não ser nunca o primeiro a fazel-as.

Ao entrar em Isaphão estavam todas as ruas cheias de povo e de agitação. Procuraram meus companheiros saber a causa de similhante tumulto; mas primeiro do que elles a descobri eu. Foi mister valer-me de coragem quasi sobrenatural para me não trahir. Era não menos que a entrada do embaixador enviado pelo usurpador de minha coroa, e era o meu elephante real quo o trazia!

Chegou o que eu previra. Havia eu em outro tempo, por uma politica contraria á que ordinariamente seguem os principes, prestado um valoroso auxilio de homens, ao rei da Persia, contra uma sedição, com o qual o repuz no throno. Hoje, ao simples pedido do mais desprezivel dos vencedores, põe-me esse mesmo rei a cabeça a preço, por via de um decreto solemne, e manda distribuir uma descripção tão acabada da minha pessoa, que facil seria reconhecerem-me os que me viram uma vez, dada a hypothese de que eu me conservasse tal como quando era rei. Mas por mui fiel que o retrato fosse, uma coisa lhes não acudiu á idéa, e vem a ser, a rapida transformação que a miseria e as privações produziram no meu todo durante este intervallo. O desgraçado que só ao seu cão devia a vida, parecia-se tão pouco com o monarcha fugido no combate, que, graças a esta circunstancia, pude viver um mez perfeitamente tranquillo em Isaphão.

Continuei a viajar com algumas commodidades, até que finalmente vim parar a Constantinopla. Chegado ahi, comprei uma pequena herdade nos arrabaldes, e é lá que ha dezeseis annos vivo afastado do perigoso commercio da raça humana. As minhas limitadas necessidades pouco exigem; pedra a pedra este annel m'as tem supprido. Não me perturbam a tranquillidade do meu exilio, nem saudades da coroa que cingira, nem lamentações contra a dureza do meu destino; não me lembro de ter vertido uma lagrima até ao dia de hontem, em que o meu companheiro, amigo, salvador, o meu querido Murkin, deixou de existir! No ultimo arranco ainda me lambeu as mãos, afagou-me, chorou-me; morreu com saudades de mim... o pobre cão!

Parou aqui o velho, enternecido, por alguns segundos, e depois continuou:

Está a finalisar a minha historia. De onze pedras que tinha este annel, restam-me ainda duas, que são as mais preciosas. Poucos dias hei de viver; basta-me a menor para o resto dos meus dias; aqui tens pois a mais grada, e honra com o teu cinzel uma creatura que, apesar de irracional, teve mais alma e coração que muitos homens, heroes, e vencedores.

Por mais de uma vez os olhos do artista se orvalharam de lagrimas, durante esta narração, á qual, seja dito, o velho dera o calor e enthusiasmo a que não chega a penna do escriptor.

— O grande monarcha! exclamou o artista.

— Não; retrucou Melai — longe vá esse epitheto! Fui-o em outro tempo; hoje em mim não vês mais que um homem velho.

— O mais veneravel dos anciãos! A tua historia vibrou-me nos intimos do coração. Cumpre que te agradeça o ensejo que me proporcionas, de empregar o meu pouco talento n'um assumpto, que ainda ha pouco, confesso-o, tão ridiculo se me afigurou, mas que ora me parece superior ao mausoléo de muitos principes! E mister, porém, que accedas a dois pedidos.

— Dois?! Dize. Quaes são?

— Guarda o teu diamante. Próspera até hoje me tem corrido a fortuna: ganhei já o que devia ganhar. Se ainda trabalho, é unicamente por amor da arte, e pelo prazer de distrahir o espirito, que não por cobiça. Eis o primeiro pedido. Quanto ao segundo: Por mui fundado que seja esse teu odio contra os

homens, não cerres de todo o coração á crença nas virtudes da raça humana. O que o simples instincto opéra nos animaes, póde operal-o tambem em nós o sentimento e a reflexão. Não tenho coroa para te offerecer em troca da que perdeste; porém a tua ultima perda, para ti a mais cruel, essa posso talvez reparal-a.

— Tu!

— Eu. Deixa a solidão em que vives, e vem ser aqui o senhor, o pae, o rei de minha casa; vem, e verás ir nascendo, gradualmente, o moimento que deve perpetuar a memoria do teu fiel amigo.

CASA DE GARIBALDI NA ILHA DE CAPRERA

A pag. 315 do II vol. d'este jornal, escreveu em poucas linhas, mas em grandes conceitos, o nosso primeiro poeta, A. F. de Castilho, a biographia de Garibaldi, o libertador da Italia. Para complemento d'esta phase da vida do venturoso general, damos hoje em estampa a casinha para onde elle se recolheu, qual outro Cincinnato, recusando as honras que á sua bravura e patriotismo lhe quizera conferir a patria agradecida.

LOGARES MEMORAVEIS

IV



Casa de Garibaldi na ilha de Caprera

Esta casinha é terrea, repartida em oito quartos, tendo por cima um eirado d'onde se goza uma bella vista. Cerca-a um campo de figueiras, amendoeiras e vinhas, tudo plantado por elle.

Garibaldi dizia ha pouco a um celebre escriptor que alli o foi visitar: «Se alguma bala me não levar no campo de batalha, quero morrer n'esta ilhota, onde só tenho por companhia os meus coelhos.»

MEDALHA OFFERECIDA A GARIBALDI

A 13 de janeiro do anno passado, entregou o general Turr a Garibaldi, na sua modesta residencia de Caprera, a medalha que os *mil* offereceram ao seu victorioso general.

Estes mil são os primeiros voluntarios que desembarcaram em Marsala, e cujo numero está hoje mui resumido.

Representa esta medalha, ou condecoração, uma estrella de sete raios cravejados de diamantes; no meio, em campo de esmalte, tem as armas da Sicilia, cercadas de uma tarja das tres côres da bandeira italiana, branco, encarnado e verde, a qual tarja tem a seguinte inscripção em letras de diamante. *I mille al loro duce* (os mil ao seu commandante). Por baixo está gravada a palavra *Arturo* (Arthur),



Medalha offerecida a Garibaldi

em memoria do rei cavalleiro por excellencia, o fundador da ordem da Tavola-Redonda.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.